

NOITE E DIA NO HORIZONTE DA GEOGRAFIA – UMA RESENHA DO LIVRO “FENOMENOLOGIA DO SER SITUADO: CRÔNICAS DE UM VERÃO TROPICAL URBANO”, DE EDUARDO MARANDOLA JR.

Leandro Pessoa Vieira¹

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021. ISBN: 978-65-5711-031-7

“A noite cai. Ou caiu a noite. Por que a noite cai, em vez de subir como o raiar do dia?” (ATWOOD, 2017, p.229). Com essa tensão da linguagem, expressão de uma percepção sobre a maneira pela qual enxergamos o surgimento do dia e da noite, Margareth Atwood inicia um capítulo de sua obra *O Conto da Aia*. Esse, diria, é um tensionamento semelhante ao exposto por Marandola Jr. em seu livro “Fenomenologia do ser situado: crônicas de um verão tropical urbano”.

Eduardo Marandola Jr. é geógrafo, formado pela Universidade Estadual de Londrina (2003), doutor em Geografia (2008), e livre-docente em Sociedade e Ambiente (2016), ambos concluídos pela Universidade Estadual de Campinas. É professor e pesquisador da mesma instituição na qual concluiu seu doutoramento e

¹ Doutor em Geografia, Universidade Federal da Bahia (UFBA). leopessoa.ba@gmail.com.

✉ Rua Jardim América, 111, Pituba, Salvador, BA. 41810-000.



livre-docência, sendo que a incursão nessa última resultou na escrita científico-literária dessa obra. Em “Fenomenologia do ser situado”, Marandola Jr. segue com sua sinceridade fenomenológica, capturando as coisas pelas raízes para entender as crises contemporâneas fundamentais, tanto a do pensamento, como a do ambiente. Além do prefácio escrito por Oswaldo Bueno Amorim Filho, o livro é composto por sete capítulos e um posfácio intitulado Crepúsculo, no qual enxergamos o arrebol no horizonte descortinar o brilho da noite.

Os acontecimentos narrados/analizados pelo autor nos capítulos dois (Se o chão treme), três (Se a chuva leva tudo), quatro (Se não tem água na torneira), cinco (Se o lugar é apenas casa) e seis (Se a barragem estoura) estão em movimento, acontecendo agora, amanhã, depois de amanhã. Suas reflexões acerca desses mesmos acontecimentos não escapam de nos levar a refletir sobre o dilema existencial, e não menos moral, de que estamos em um mundo que precedeu à nossa existência, todavia, diante do tempo das catástrofes e dos apocalipses, nos questionamos se esse mesmo mundo sobreviverá à nossa partida. Indicam, ainda, que uma ética fundada no habitar poeticamente a terra, centrada na possibilidade de criação e no cuidado, pode soterrar essa dúvida.

O argumento central do livro é “compreender situações de um verão urbano brasileiro (2015- 2016), a partir de suas circunstâncias, como expressões do habitar a Terra como quadratura” (MARANDOLA JR., 2021, p.29). Para isso, caminha junto com uma “fenomenologia do ser-situado, como pensamento noturno-diurno” (MARANDOLA JR., 2021, p.29). O autor não procura o esclarecimento, mas a compreensão de experiências vivenciadas e compartilhadas por meio da escrita, das diferentes situações que emergiram do período. A escala, aparentemente, é temporal, pois falamos em um período, o verão, mas esse verão é um verão espacializado (tropical) nos lugares e nas circunstâncias, restituindo a escala geográfica a um trânsito simultâneo e ininterrupto entre global, local, regional, fundada e transpassada pelas experiências diversas do ser-em-situação.

Marandola Jr. inicia sua escrita fazendo a distinção entre as obras de Bachelard, situando, junto com os estudos do fenomenólogo, o pensamento do Bachelard diurno e do Bachelard noturno. Aponta que o primeiro se situa no âmbito da razão, pautado no esclarecimento e na objetividade científica, na lógica do distante, enquanto o segundo opera pela via poética, conciliando a força da poesia por meio da imaginação, do mistério e de seu caráter existencial. Com Heidegger, situando-o nessa mesma tessitura, percorre a trilha fenomenológica, aquela que se abre ao caminhar para construir outro percurso, diferente do da modernidade diurna para a ciência.

Marandola Jr. nos mostra que a ciência existencial é aquela que nos faz acordar para dentro. E a dialética noite-dia perambula junto com a dialética do fora-dentro. Nesse despertar, não há como escapar do que nos constitui, não como origem, mas como devir dinâmico. Esse processo direciona ao ser-com, a pensar os grandes desafios contemporâneos, nos quais somos, mesmo em diferentes medidas, seres-situados. O autor situa o desafio ambiental

nessa posição para compreender que a crise ambiental é uma crise do nosso modo de pensamento, excessivamente diurno, antes da disciplina, e agora do desempenho, e há, sobretudo, uma crise existencial, ontológica. Para isso, renomeia a expressão “questão ambiental” e a substitui por “vulnerabilização do ser-em-situação” para agregar um termo que está nos mais diversos âmbitos das ciências e das políticas públicas (vulnerabilidade) a outro que amplia a discussão da perspectiva experiencial (a do ser-em-situação), revelando e não revelando, clareando e escurecendo.

Sua empreitada são acontecimentos dos mais diversos: tremores de terra em Londrina, sua cidade-natal; as chuvas torrenciais que coloriam, em tons terrosos, a paisagem novamente descoberta do Leste ao Oeste do Paraná; as mesmas chuvas na região de Limeira, sua atual cidade-sede; a escassez de água, novamente na “Pequena Londres”, e a crise de abastecimento de São Paulo (crise que se apresenta permanente no Brasil em 2021), quando adentra uma discussão oportuna sobre o quão desnecessário é comparar com outras localidades com circunstâncias distintas. Ainda no seu andar fenomenológico, constata, em bairros da região de Campinas, do Litoral Norte do estado de São Paulo e de Limeira, que o lugar é reduzido à casa, o que não se trata de um fenômeno específico de uma classe social, fator este que amplia o escopo das consequências para a vulnerabilização do ser-em-situação. Na sequência, aborda o desastre em Mariana em Minas Gerais, mais precisamente nos povoados de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, pensando o sentido da vulnerabilização do-ser-em-situação a partir de três ideias fundamentais: o habitar do desastre iminente, o descompasso escalar e o topocídio, ou a morte do lugar. Caminhos do pensar assombrosamente pertinentes e fundamentais para compreender a tragédia ocorrida em Brumadinho, três verões após os acontecimentos em Mariana.

Em todas essas situações, a sua prosa transcorre em crônicas. Para Marandola Jr. (2021, p. 61), a crônica “nos permite obrar as experiências cotidianas e o tempo presente”, posicionando a crônica brasileira como aquela “do tempo presentificado na experiência”. Na forma, a crônica foi seu aporte estético. No conteúdo dessas crônicas, a ciência geográfica perambula com fluidez absurda. A epiderme dos momentos destacados do Verão de 2015/2016 salta de cada letra, de cada palavra e de cada frase do livro. O verão de Marandola Jr. não escapa pelas mãos que carregam o livro e, muito menos, pelos olhos que viabilizam a leitura. A profundidade das abordagens sobre as diversas dimensões da existência, desde a política e econômica, aos mais íntimos da condição humana, como a identidade e a finitude da própria existência, é uma forma de reposicionar a maneira de fazer ciência, centrada na vida. Nos convida a sentir o mundo a partir da estética da existência. E a estética da existência é a estética da vida. A vida, tão deixada de lado pela ciência da luz, e, conseqüentemente, pela geografia, se faz presente diuturnamente, para além das evidentes abordagens pelas vias noturnas, por intermédio das artes, da poesia, da literatura.

A poesia é a palavra em estado de mistério. Por isso, seu lampejos me acompanharão para findar a resenha sobre “Fenomenologia do ser-situado”. Com Manoel de Barros, entendi que “as coisas muito claras me noturnam” (BARROS, 2009, p.39). Marandola Jr., por sua vez, direcionou a reflexão: as coisas do mais escuro breu podem me diurnar. O mesmo Manoel que criou “um fazedor de amanhecer para usamentos de poetas” (BARROS, 2009, p.11). poderia recriar um fazedor de anoitecer para usamentos de cientistas. Olho para o leste quando o sol está se deitando e vejo a escuridão se elevar em direção ao céu. A perspectiva mostra a noite se erguendo no horizonte. Rumo os olhos em direção ao oeste, os versos de Mário Quintana aparecem entre nuvens me impedindo de esquecer que “os verdadeiros versos não são para embalar, mas para abalar” (QUINTANA, 1994, p.287). Talvez, por aquelas bandas, a noite caia. Para abalar. Com sua gravidade. Com seu peso. ☉

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 366 p.

BARROS, Manoel. **O fazedor de amanhecer**. São Paulo: Richmond Educação, 2009. 46 p.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 153 p.

QUINTANA, Mario. **Caderno H**. Rio de Janeiro: Globo, 1994. 413 p.